

APÊNDICE I

FIGURA P.151 AQUI

Figura 5

Rendimento nacional dos Estados Unidos, 1929-1941.

Curva a cheio: rendimento nominal (tal como na figura 3, página 15 anterior).

Linha tracejada: rendimento real (a partir do *League of Nations Year Book*, 1935/36 e 1941/42)
calculado pelo índice grossista, 1929=100

APÊNDICE II (*)

Distribuição percentual aproximada do rendimento dos impostos, por tipo e por origem
(1938)

TABELA P.151 AQUI

(*) Estou profundamente agradecido a U. K. Hicks por me permitir usar a tabela acima, com dados por ela compilados para uma publicação sua em curso.

(+) Contribuições para o seguro social no Reino Unido, impostos sobre os salários nos EUA. Em 1938 os impostos sobre os salários, por cabeça da população, eram £ 26 no Reino Unido e \$ 114 nos EUA.

APÊNDICE III

(Taxa líquida de investimento na União Soviética)

O valor total do capital fixo na Rússia soviética foi estimado, de acordo com o *U.S.S.R. Handbook (1936)*, citado por Colin Clark (1), para 1928 e para 1934, em 49.4 mil milhões (p. 18) e 112 mil milhões de rublos (p. 39) – a preços de 1933, respectivamente. O poder de compra do rublo no caso de bens de capital era de 36 rublos por libra esterlina (p. 38), logo os valores do capital fixo para 1928 e 1934 foram £ 1380 milhões e £ 3100 milhões, respectivamente. A diferença de £ 1820 milhões dividida por seis anos dá uma média de £ 330 milhões de investimento líquido por ano. O rendimento nacional total foi estimado por Colin Clark (p. 40) em £ 2923 milhões para 1928-8, e em £ 3346 milhões para 1934, o que dá uma média de 9.4% de investimento líquido por ano.

Nenhum país é capaz de investir subitamente, de um ano para o outro, uma grande parte do seu rendimento. Mesmo os planos mais compreensivos de campanhas de rearmamento precisam de pelo menos dois anos para começarem a ter efeitos, porque o redirecionamento do esforço nacional não pode ser senão pequeno até que novas fábricas sejam construídas para esse objectivo. Isto é ainda mais verdade num país agrícola do que num país industrial. O padrão de nutrição em países como a Hungria, Roménia e Rússia pouco sofreu durante os anos da guerra 1914-17 (ver gráfico sobre pecuária na Rússia). As principais fontes de novos investimentos são: (1) a produção das indústrias pesadas já existentes, e (2) importações. A produção industrial pesada na Rússia soviética no início do período em questão, o ano 1927-28, foi avaliada por Colin Clark em £ 305 milhões por ano (p. 38), dos quais £ 83 milhões seriam precisos para compensar as reparações e depreciações correntes (p. 19). Por 1934 a produção industrial pesada aumentou para £ 738 milhões (p. 38), dos quais (não menos do que) £ 247 milhões eram necessários para depreciações, etc. (p. 41). A maquinaria importada foi estimada em £ 100 milhões para o período do primeiro plano quinquenal (2). Logo é difícil perceber como é que o investimento médio pode ter atingido qualquer valor médio acima de £ 300 milhões entre 1928 e 1934. Para além disso, a taxa de investimento para a primeira parte desse período foi inferior à da segunda parte. A soma para 1933 e 1934 foi estimada por Colin Clark (p. 40) em 26.8 mil milhões de rublos = £ 740 milhões, deixando um investimento médio de £ 270 milhões – ou 8.5% do rendimento nacional médio estimado – por ano para o período 1928-32, em que o sofrimento geral foi maior.

Os números de 9.4% para 1928-1934 e de 8.5% para 1928-1932 encaixam perfeitamente na série de percentagens de investimento recentemente calculadas por Colin Clark (3) para a Rússia, o que dá uma taxa de investimento líquido por ano, em percentagem, de 7.8% para o

período 1925-30, e de 14.2% para o período 1934-7.

APÊNDICE IV

Combater a inflação: problemas de um governo trabalhista

(Publicado no *Manchester Guardian*, 3 março 1947)

Só passaram dez anos desde que Lord Keynes deixou claro que o capitalismo moderno tende automaticamente para a deflação e para o desemprego. Nas circunstâncias dessa altura tinha toda a razão, mas entretanto as alterações económicas e sociais criaram uma tendência totalmente oposta. O moderno Estado ativista, baseado sobre o poder do trabalho e interessado em afirmar as suas responsabilidades pela vida económica da nação, tende a encharcar os canais comerciais com um excesso de poder aquisitivo. O seu programa de reequipamento industrial e de expansão das instituições sociais, mete em circulação um fluxo adicional de moeda enquanto que a sua política de equalização de rendimentos reduz a propensão para a poupança.

Um governo ativista, confiante da sua capacidade para atuar como o principal regulador económico, facilmente embarca na missão de reajustar as escolhas económicas desequilibradas por um fluxo excessivo de poder aquisitivo. Logo, enquanto que continua a bombear para os mercados mais moeda do que existem recursos para serem comprados aos preços prevalecentes, mantém também em operação um elaborado sistema de licenciamento com o objetivo de forçar novamente os excessos de moeda para as poupanças. A maior parte das limitações hoje em dia impostas à vida económica no Reino Unido não fazem parte de um plano económico global, mas são meras medidas de emergência para manter uma procura inflacionária dentro de limites razoáveis. Isto é típico de uma moderna economia socialista, e também se pode observar na Rússia, embora aí a inflação seja, em parte, devida a razões diferentes.

Infelizmente é impossível substituir racionalmente as decisões individuais de muitos milhares de agentes económicos por uma direção central. Isso continua a ser verdade mesmo sob um sistema autoritário, como os russos já descobriram em 1921. Deve ser o eixo central de qualquer política que trate da reestruturação da atual indústria britânica.

Causas do desequilíbrio

O Livro Branco (a) mostra que, para 1947, o investimento líquido será 13% do rendimento nacional e que o déficit da balança de pagamentos será de 4% do rendimento nacional. Isto significa uma infusão na circulação de uma soma igual a 9% do rendimento

nacional, que precisa de ser balanceada por um igual montante de poupanças. Em 1938 as poupanças voluntárias eram precisamente cerca de 9%. Mas, em 1947, existem factores poderosos que tendem a reduzir as poupanças voluntárias para valores muito abaixo daquele valor. São:

- (1) A redução do rendimento disponível para os consumidores (na proporção aproximada da redução da quota de consumo de 78 para 66.5%)
- (2) A equalização dos rendimentos
- (3) As poupanças de guerra acumuladas
- (4) O esgotamento das posses pessoais dos consumidores

Embora seja impossível avaliar com precisão o efeito total destes factores, suponho que ninguém disputará uma estimativa de redução das poupanças voluntárias, durante 1947, em pelo menos um terço do valor, em comparação com 1938. Isto deixaria no mínimo 3% de um rendimento nacional estimado em £ 8500 milhões, ou seja cerca de £ 250 milhões, a entrar para a circulação monetária, para além das poupanças voluntárias.

Numa situação de pleno emprego, a infusão constante de moeda na circulação, para além das poupanças, causa uma inflação galopante, na ausência de uma intervenção do governo. Hoje em dia o governo pode intervir através do controlo de preços e do racionamento. Força as pessoas a estarem em bichas e a esperarem por autorizações. Enquanto esperam, o dinheiro das suas compras também espera nos seus bolsos ou contas bancárias e constitui uma espécie de reserva de poupanças. Não é, portanto, razoável acusar o governo pelo seu atraso na emissão de licenças para a compra de matérias primas, etc.. Desde que a procura agregada (em dinheiro) continue a exceder o valor total da oferta de recursos industriais para venda, a única alternativa a uma inflação galopante é manter cada comprador prospectivo de recursos à espera e forçá-lo por esse meio a poupar os seus fundos. Desde que o governo disponha atualmente de todos os recursos sob o seu controlo, não está a causar qualquer atraso que fosse evitável sob o sistema prevalecente de inflação controlada.

É claro que este método de poupança forçada é ruinoso para a indústria – particularmente quando existem, tal como acontece hoje em dia, capacidades produtivas em excesso, ainda deixadas pela guerra. Cada fábrica tem uma carteira de encomendas suficiente para continuar o seu negócio, mas tem falta de mão de obra, matérias primas, máquinas, etc. Os gestores tentam comprar o que podem e quando podem. A sincronização e correspondência apropriadas têm que ser abandonada a favor de métodos mais oportunistas, tal como descrito de modo flagrante no recente inquérito à indústria britânica, publicado pelo *Manchester Guardian*.

Excesso orçamental

Em alternativa ao controlo dos preços e ao racionamento, o governo deveria tentar reduzir, pela via da taxaçaõ, a quantidade de moeda disponível para os consumidores gastarem. O resultado desses impostos devem formar um saldo orçamental, a ser definitivamente anulado após a sua colecta. O excesso de impostos teria que ser superior ao valor pelo qual a infusão monetária excede a poupança voluntária. Não seria suficiente taxar £ 250 milhões (ou o número certo que resultar dos cálculos atrás esboçados), pois isso libertaria uma quantidade apreciável de poupanças a partir do rendimento remanescente após taxaçaõ. O corte teria que ir suficientemente para além disso, para compensar estas reduções na poupança. Seria necessário um excedente de £ 400 ou £ 500 milhões.

São precisos estudos adicionais para identificar a melhor forma de taxaçaõ que permita coletar o excedente orçamental necessário. A minha preferência seria começar com um aumento dos impostos sobre os rendimentos e uma redução de todos os salários. O partido trabalhista não aceitará um retorno a mercados mais livres, a não ser depois de consolidar os seus ganhos recentes em igualdade económica, oportunidades sociais e segurança material. No entanto, é praticamente impossível evitar um aumento da taxaçaõ indireta; os impostos surpreendentemente elevados sobre os rendimentos na Rússia soviética ilustram a necessidade de uma tal taxaçaõ neste tipo de situações.

Há um grande obstáculo para qualquer política deflacionista e que precisa de ser clarificado. No presente mercado de vendedores, para a mão de obra, o desemprego está reduzido a cerca de 2.5%. Num estado normal de circulação deveria ser mais elevado, talvez 3.5%. Embora este número possa eventualmente voltar a diminuir quando uma melhoria das condições de habitação aumentar a mobilidade do trabalho, não há dúvida que uma circulação monetária reduzida teria um efeito sério sobre a segurança do emprego. Quando os empregadores puderem outra vez escolher entre os candidatos para os empregos, o seu poder pessoal sobre os empregados tenderá a aumentar. A opinião sindical pode não concordar com isso, a menos que os poderes disciplinares da gestão sejam efetivamente baseados num consenso dos trabalhadores de cada fábrica. Ora aqui está uma tarefa crucial para um programa de circulação equilibrada.